Ensino de Comunicação e Literacias Digitais: Desafios da Prática Docente na Contemporaneidade[1]

Else LEMOS[2]
Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo discute a relevância da formação docente em comunicação na contemporaneidade, tendo como contexto uma sociedade em rede permeada pela cultura da convergência. As tecnologias da informação e comunicação estimulam a emergência de novas habilidades e literacias digitais que indicam a necessidade de rever o papel do professor de ensino superior em comunicação com relação ao novo perfil do aluno, às demandas do mercado e às novas mídias. O Curso de Extensão Professor do Futuro, da Faculdade Cásper Líbero, traz insumos para a reflexão sobre docência em Comunicação e o papel das instituições de ensino superior na formação inicial docente.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; formação; docência; literacias digitais; TICs

Introdução

A questão da formação inicial docente em Comunicação tem sido nosso objeto de estudo desde 2010-2011, quando realizamos pesquisa sobre o Curso de Extensão Professor do Futuro, empreendido pela Faculdade Cásper Líbero entre 2008 e 2012[3]. O tema da formação docente para o ensino superior é amplo e muito estudado nas áreas de Educação e Didática do Ensino Superior. De maneira geral, autores desses campos de conhecimento concordam sobre a necessidade de se investir cada vez mais em formação de professores, uma vez que a notável expansão do número de postos de trabalho para professores universitários nos últimos anos é fato e requer atenção por parte das instituições de ensino superior.

---

[1] Trabalho apresentado no DT 6, GP Comunicação e Educação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade de São Paulo, área de concentração *Interfaces Sociais da Comunicação,* linha de pesquisa *Comunicação e Educação*; docente e membro do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: elsesp@usp.br

[3] Durante os anos 2010 e 2011, realizamos pesquisa vinculada ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero com o título *Faculdade Cásper Líbero e o professor do futuro: estudo sobre a formação inicial do professor para cursos de graduação em comunicação*. O estudo, vinculado ao eixo temático *Comunicação e mercado,* tinha como principal objetivo geral analisar a prática proporcionada pelo projeto Professor do Futuro para a formação inicial de professores com vistas à docência universitária em Comunicação e identificar os saberes que compõem o processo de formação dos participantes do projeto Professor do Futuro. Como objetivo teórico, o estudo visou contribuir para a ampliação dos estudos em docência universitária em Comunicação e, como objetivo prático, o trabalho busca sistematizar e registrar o conhecimento gerado pelo projeto Professor do Futuro e sua história. Para mais informações, acessar: http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2012/11/13/1352820419.pdf, p. 95-120.

Há mais de uma década, Pimenta e Anastasiou (2002, p. 249) apresentavam um cenário de "expansão quantitativa" do ensino superior já bastante expressivo, em que o número de professores universitários entre 1950 e 1992 saltara de 25 mil para um milhão. Em 2011, as informações são ainda mais representativas. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) em novembro, houve amplo crescimento do acesso à educação superior entre 2001 e 2011. Há no Brasil, hoje, cerca de 6,5 milhões de universitários, sendo 6,3 milhões em cursos de graduação e 173 mil na pós-graduação. Na década 2001-2010, mais que dobrou o número de universitários do país. Há no Brasil 2.377 instituições de ensino superior públicas e privadas[4].

Com um aumento tão expressivo do ingresso ao curso superior, é natural que haja crescente e urgente necessidade de formação de docentes. Como pontuam Pimenta e Anastasiou (2002), a docência universitária no Brasil está muito ligada ao processo de formação, particularmente em cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, e ainda são incipientes as experiências na formação de professores universitários.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9.394/96, em seu capítulo IV, *Da Educação Superior*, "não concebe a docência universitária como um processo de formação, mas sim como de *preparação* para o exercício do magistério superior" (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, p. 250). De maneira geral, a preparação do novo professor acontece na pós-graduação (*lato* ou *stricto sensu*), por meio de uma disciplina com carga horária de 45 a 60 horas, conhecida por diferentes nomenclaturas: Didática do Ensino Superior, Metodologia do Ensino Superior, Práticas Didáticas do Ensino Superior, entre outras.

É inquestionável a importância dos cursos de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, para a capacitação docente, uma vez que oportunizam o aperfeiçoamento conceitual, técnico e, também, o didático-pedagógico, ainda que de maneira superficial. De toda forma, os estudos sobre formação de professores e saberes docentes têm revelado, em larga medida, a expressiva importância da *experiência docente* na consolidação da prática de ensino; "a quase ausência da formação pedagógica para o professor do ensino superior vem delegar um peso muito grande ao papel da experiência na constituição da prática docente do profissional que atua nesse nível de ensino" (CUNHA, 2006, p. 4).

O objetivo deste artigo é retomar esse debate à luz de nosso objeto de pesquisa em nível de doutoramento, a saber, Educação e Comunicação e as *literacias digitais*. Para tanto,

[4] Conforme relatório divulgado pelo Ministério da Educação em novembro de 2011.

recorreremos à literatura sobre o tema e também à pesquisa que fizemos entre 2010 e 2011, aprofundando-nos sobre um dos aspectos levantados pelos respondentes à época.

O contexto: sociedade em rede, convergência e um novo perfil de interagente

Nosso ponto de partida é o de que a Comunicação em tempo de redes sociais é muito mais que apenas uma questão de habilidades e conhecimentos técnicos, sendo também determinada por competências socioemocionais, relacionais e subjetivas que requerem do docente superior em Comunicação outras formas de compartilhar conhecimento na contemporaneidade.

Nosso estudo não tem como enfoque a formação de docentes de Comunicação em uma habilitação específica. No entanto, como forma de obter insumos para constituir nosso referencial teórico, recorremos aos estudos de Moura (2009), que trata da evolução do ensino de relações públicas no Brasil, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Ao analisar as Diretrizes Curriculares do Curso de Comunicação Social, estabelecidas em 1999 e homologadas em 2002 pelo Conselho Nacional de Educação, Moura trata dessa questão usando termos como *competências, habilidades, ser* e *fazer* da profissão.

Segundo a autora[5], "A busca pela qualidade do ensino em comunicação social está, assim, vinculada ao desenvolvimento das *competências* e *habilidades* desejadas para o futuro egresso do curso." (MOURA, 2009, p. 88). [grifo nosso]. A constituição de saberes, competências e habilidades profissionais passa, em grande medida, pela experiência vivenciada no ambiente universitário. Segundo a pesquisadora "Evidentemente, para a construção de um currículo adequado, é necessária a definição do perfil e das competências/habilidades pretendidas para o egresso." (MOURA, 2009, p. 88).

O estudo *Gerações Interativas Brasil*[6] (2012) traz informações importantes para compreendermos o cenário comunicacional e o grande desafio ético e educacional a se enfrentar no tocante à orientação para o "uso responsável das telas digitais". O relatório do

[5] Moura é, também, membro da comissão de especialistas responsável por encaminhar proposta de novas diretrizes curriculares ao Conselho Nacional de Educação (CNE). Presidida por Margarida Maria Krohling Kunsch, professora do curso de relações públicas da Universidade de São Paulo (USP), a comissão, constituída pela portaria 595/2010, em 24 de maio de 2010.

[6] Resultado de investigação que envolveu mais de 18 mil respondentes entre crianças e jovens com 6 a 18 anos em todo o Brasil, *Gerações Interativas Brasil* é um estudo que oferece as bases para pensar o futuro da chamada "inovação educativa". Por meio de surveys, foi possível traçar um amplo panorama que vai das formas de acesso à Internet, ao celular, à TV e aos videogames às práticas de acompanhamento e controle desses usos por parte dos pais e escolas. O cruzamento de variáveis como idade, gênero, região, práticas de uso, tipologias "de telas" e cenários traz uma rica gama de informações e análises sobre as gerações interativas no Brasil.

estudo destaca o *hibridismo do contexto contemporâneo conectado*, com base nos conceitos de rede como sistema de comunicação pela interligação entre computadores e outros tipos de dispositivos, e o de redes *sociais*, este numa perspectiva antropológica que compreende redes sociais como estruturas compostas por pessoas ou organizações que, conectadas, compartilham valores, ideias, propósitos e objetivos comuns. Toda a discussão se dá em torno do conceito de rede, mediação, relações de poder e novos papéis de personagens que atuam como *interagentes*, e não como meros usuários passivos, a exemplo do que acontecia no contexto da comunicação de massa do século XX. Vivemos em uma sociedade em rede, permeada pela convergência, pelo hibridismo e pela própria *organização em rede*. (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p.18).

A problematização do conceito de usuário, internauta e prosumidor como alguém que deixa de apenas receber para também reagir e produzir, protagonizar e assegurar seu espaço no processo comunicativo é, portanto, essencial para o entendimento dos fenômenos comunicacionais no século XXI. Esse novo interagente que produz e consome é quem dá vida a uma Internet que é "artefato e lugar onde a cultura é revivida, remixada e criada por muitos, efetivamente" (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 19).

Como afirma Rodríguez (2012, p. 62), tomamos o contexto e a complexidade social contemporânea sob uma perspectiva tecnológica, não simplesmente do ponto de vista técnico, mas numa perspectiva sociocultural que considera importante estudar os aparatos informacionais segundo uma visão segundo a qual as pessoas são o mais relevante elemento para compreendermos o que está acontecendo ao nosso redor. Nosso espaço social e seus mais distintos atores desenham conexões e dão forma a uma rede complexa e que produz novos sentidos à medida que se redefine (LATOUR, 2012).

O ensino de Comunicação tem hoje como grande desafio reconhecer, incorporar e capacitar para as novas dinâmicas de uma rede em permanente transformação. Nesse sentido, além de questões técnicas e práticas da docência, seja em âmbito institucional, disciplinar, didático-pedagógico ou curricular, há que se considerar, em grande medida, as questões humanísticas, éticas e socioemocionais. Como afirma Balaban-Sali (2012, p. 268), a maioria dos estudos sobre novas literacias é conduzida por pesquisadores de comunicação, em parte, porque se espera dos estudantes dessa área que se adaptem e usem novas tecnologias mais rapidamente e mais frequentemente do que pessoas de outras áreas. É nesse sentido que encontramos a convergência entre os estudos sobre os saberes da docência, a questão da docência em Comunicação e as literacias digitais.

Além das competências – o conceito de literacias digitais e sua relevância para a docência superior em Comunicação

Um dos conceitos mais debatidos quando o acesso à internet começou a se popularizar foi o de inclusão digital, tema muitas vezes equivocadamente associado de forma simplista à questão da acessibilidade digital. Entendemos que a inclusão trata "não apenas do acesso às ferramentas digitais, mas também dos usos e apropriações dos conteúdos distribuídos na web 2.0 pelos internautas". (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 19). Ou seja, não se trata meramente de oferecer os meios, mas de favorecer o uso crítico e ético desses meios.

Segundo o relatório *Gerações Interativas* Brasil (2012), em 2011, América Latina e Caribe apresentavam uma das mais altas taxas de penetração da Internet entre suas populações, destacando-se pelo seu elevado índice de crescimento, motivado principalmente pela expansão do acesso em casa e no trabalho (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 19-22). A mais recente pesquisa Ibope Nielsen (julho de 2013) informa que 102,3 milhões têm acesso à Internet no Brasil (IBOPE, 2013), crescimento de 9% em relação aos 94,2 milhões identificados no 3º trimestre de 2012.

Segundo Passarelli & Junqueira (2012, p. 22), por meio do trabalho realizado pelo NAP Escola do Futuro / USP no projeto AcessaSP, os pesquisadores desse núcleo de estudos distinguem duas ondas experimentadas ao longo do processo de inclusão digital. A primeira, vivida com o início da popularização do acesso à Internet, voltava-se para a inclusão digital (como acesso aos meios). Já a segunda onda, atual, conta com forte presença de nativos digitais, o que favorece novas preocupações e orientações para o debate sobre a apropriação e o uso dos meios. É o momento de se avaliar, portanto, práticas e hábitos, sobretudo nas dimensões social, ética e educacional.

A adoção do termo *literacia*, pouco usado no Brasil, justifica-se pela necessidade de superação da mera noção de letramento e alfabetização, propondo-se pensar em um processo contínuo de evolução. O termo é definido como

> ... o conjunto de competências relacionadas à leitura, escrita e cálculo nas mais diferentes formas de representação. Nesse sentido, mais do que exclusivamente uma habilidade, a literacia passa a ser vista como um continuum em construção, que repercute diretamente sobre a vida das pessoas em sociedade. (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 23).

Diante disso, o conceito de literacias abrange diversas capacidades, que envolvem pesquisa, interpretação, escolha, compartilhamento, habilidade para navegar por um

ambiente multidimensional e rico em linguagens multimídia. Paul Gilster (1997) define literacia digital "como a habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores." (apud PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 18). Outro conceito de destaque é o de Yoram Eshet-Alkalai (2008), que propôs um modelo de identificação de literacias digitais como literacias da informação (habilidades de identificar, localizar, avaliar, organizar, criar e comunicar informações), fotovisuais (habilidades de decodificar interfaces visuais), de reprodução (habilidades de reprodução de informações), de pensamento hipermídia (habilidades de interagir com estruturas não lineares e hipermidiáticas) e socioemocionais (habilidades de compartilhamento de informações e emoções na rede). As novas literacias para lidar com as novas mídias também são tema de estudos de Jenkins (2006; 2009).

Os atores em rede e as literacias emergentes são o ponto de partida para que se repensem as práticas educativas das gerações interativas. O conceito proposto por Marc Prensky (2001) no início do século, ao comparar imigrantes digitais e nativos digitais, é relevante nesse contexto. Segundo esse autor, houve uma descontinuidade ou singularidade no fim do século passado, e os estudantes que agora estão no ensino superior representam as primeiras gerações que cresceram já em contexto digital. Prensky (2001, p. 2) afirma que os professores representantes da geração de imigrantes digitais usam uma linguagem ultrapassada e estão sofrendo para ensinar um grupo de indivíduos que fala uma linguagem completamente nova. O que se tem, portanto, é que nativos digitais desenvolvem um novo conjunto de habilidades, ao passo que os imigrantes digitais precisam aprender a desenvolver as mesmas habilidades. Embora haja distintos pontos de vistas sobre as classificações geracionais, optamos por não adotar generalizações, sempre tendo em mente que não há categorizações aplicáveis a todos os casos. Outro aspecto a considerar é que, adotando-se por base o conceito de cultura da convergência tal como proposto por Jenkins (2009), tem-se que gerações e mídias convivem em um mesmo ambiente, sem que sejam excludentes entre si. No entanto, concordamos com Prensky quanto à ideia de que há diferenças relevantes entre nativos e imigrantes e elas têm impactos sobre o processo educacional.

Reflexões sobre literacias digitais e desafios para o ensino em Comunicação na contemporaneidade

A preocupação com a formação inicial do docente tem sido crescente objeto de estudos, e trata-se de tema a ser debatido por todas as áreas, ou seja, por todos os profissionais envolvidos na atividade docente, no que concordamos com Vasconcelos (2009, p. 17), ao afirmar que "... as questões da Educação, mesmo as mais complexas, não podem continuar sendo consideradas como 'problemas exclusivos de pedagogos', mas sim de todo aquele que, ainda que em tempo parcial, se dedique ao magistério.".

Na área de comunicação, a questão do ensino tem sido objeto de discussões nas duas últimas décadas. A coletânea *Ensino de Comunicação: qualidade na formação acadêmico-profissional*, organizada por Margarida M. K. Kunsch (2007), reúne textos de pesquisadores e especialistas de distintas áreas da comunicação, e aborda, entre outros assuntos, padrões de qualidade para o ensino de comunicação: diretrizes oficiais e propostas da comunidade acadêmica[7].

A profissionalização do professor universitário em Comunicação é um grande campo a explorar, pois a qualidade do ensino em comunicação tem influência direta sobre a formação dos novos profissionais da comunicação. E com o crescimento da procura por cursos de comunicação e da demanda por novos profissionais cada vez mais qualificados e preparados para o mercado de trabalho, cresce, também, o campo profissional docente.

Como relata Kunsch, tem sido expressivo o crescimento do mercado profissional de Comunicação, o que requer a melhoria dos quadros profissionais docentes. Sobre essa questão, a autora reforça a necessidade de se buscar melhorar a qualidade dos cursos. Segundo Kunsch (2007, p. 88), o fato de haver no Brasil, hoje, um notável avanço dos campos profissional e acadêmico da comunicação, "deve servir de estímulo para se buscar uma melhoria de qualidade e os níveis de excelência na formação universitária e um aperfeiçoamento contínuo no mercado profissional.".

Também segundo Kunsch (2007, p. 90), "Com o advento e expansão da internet e os avanços da comunicação digital, as perspectivas de atuação para os profissionais de todas as habilitações da comunicação social são enormes". A questão da revolução das tecnologias da informação e comunicação era apontada, então, como uma dos mais impactantes sobre a

[7] A obra organizada por Kunsch não é a primeira da área a tratar de ensino em Comunicação. Como descreve Moura (2007, p. 43-44), há duas outras coletâneas já publicadas. A primeira, *Ideologia e poder no ensino de Comunicação*, está vinculada ao I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom (São Paulo, 1978) e a segunda, *O ensino de comunicação: análises, tendências e perspectivas futuras*, está ligada ao I e ao II Congresso Brasileiro de Ensino de Comunicação Social (São Paulo, 1986, 1991).

Comunicação, pois que afeta toda a dinâmica da 'indústria' da comunicação, impondo ao comunicador de hoje novas formas de *fazer* comunicação.

Diante desse cenário, a docência de ensino superior em Comunicação deve ser posta em evidência nos estudos de suas subáreas e no conjunto das áreas de Comunicação considerando-se quatro eixos principais:

1) *Os alunos*: o perfil dos alunos que ora chegam aos cursos de Comunicação requer novas dinâmicas ao ensino, visto que se compõe, em sua maioria, de nativos digitais e, portanto, mais 'proficientes' considerando-se o conjunto das literacias digitais emergentes.
2) *Os docentes*: são permanentemente desafiados a lidar com novos alunos, temas (o que requer pesquisa constante), metodologias, arranjos institucionais e tecnologias. Quanto a estas, nem sempre têm a 'proficiência' dos nativos digitais.
3) *Os meios:* as tecnologias da informação e Comunicação exigem de todos, docentes, alunos e profissionais uma nova postura diante de um cenário de incertezas, instabilidade e mudança contínua. Valores, emoções e a dimensão ética ganham força nesse contexto.
4) *O mercado*: está acontecendo uma profunda e irreversível transformação dos ambientes organizacionais nos quais atuam os profissionais de Comunicação - as tecnologias da informação e comunicação ganham um lugar fundamental no relacionamento entre organizações e indivíduos, e as literacias digitais podem ser determinantes para a formação de profissionais de Comunicação preparados para atender às necessidades do mercado e, também, para serem futuros docentes.

O Curso de Extensão Professor do Futuro: contribuições para pensar o ensino em Comunicação

Iniciativa pioneira e concreta para atender e preparar o egresso da graduação e, também, alunos da pós-graduação *lato sensu* para o exercício docente inicial, o Curso de Extensão Professor do Futuro, oferecido pela Faculdade Cásper Líbero no período entre 2008 e 2012, formou cinco turmas. O projeto oportunizou a seus participantes – professores do futuro, coordenadores, professores-tutores, professores-palestrantes e alunos regulares – compartilhar experiências visando ao preparo de futuras gerações de professores. Tendo começado por meio de práticas informais de docentes que acolhiam egressos como monitores durante as aulas, foi formalizado como Curso de Extensão em 2007, tendo

encerrado esse ciclo em 2012.[8] Cada participante cumpriu dois anos de atividade regular como *professor do futuro* acompanhando por um *professor tutor* designado pelas coordenadorias de Relações Públicas ou de Publicidade e Propaganda. Em cerca de 10% dos casos, os alunos experimentaram dupla tutoria, tendo acompanhado um determinado tutor no primeiro ano e outro no segundo ano de curso.

O Curso de Extensão Professor do Futuro foi tomado como uma referência, um caso a ser estudado em suas particularidades. Por sua abrangência, entendemos como fundamental conhecer a história e, sobretudo, as percepções que os participantes do programa, os *professores do futuro*, têm sobre esse espaço para o exercício inicial docente em ensino superior. O problema de pesquisa que norteou o estudo foi: *em que aspectos/com que saberes o projeto Professor do Futuro contribuíram para a formação inicial de seus participantes no que se refere ao exercício da docência em cursos de Comunicação e na inserção social no mercado profissional da área*? Para isso, tomamos como base metodológica a noção de que a pesquisa sobre formação e saberes da docência deve ter como fundamento aquilo que os próprios professores manifestam e relatam com base em suas experiências, sendo, portanto, um estudo de natureza qualitativa. Nesse sentido, concordamos com Almeida (2007, p. 283), quando afirma que os estudos sobre o trabalho docente devem valorizar "...diferentes aspectos da história individual e profissional do docente, utilizando uma abordagem teórico-metodológica que dá voz ao professor...".

O estudo teve natureza exploratória qualitativa e todos os egressos e então participantes do curso identificados por meio dos registros documentais foram convidados a participar. A maioria dos participantes tem idade média de 24-26 anos, e é recém-formada em Comunicação. Dos 82 concluintes do curso no período entre 2008-2012, 46 *professores do futuro* (atuais e egressos) participaram da pesquisa. O grupo focal formado pelos então professores do futuro teve oito participantes, houve cinco entrevistas em profundidade com egressos do curso e 33 participantes optaram por responder a pesquisa por meio de questionário aberto on-line. O roteiro básico trazia como eixo questões sobre os objetivos do curso, papel da instituição promotora do curso, carreira docente, diferenças entre ser aluno e ser professor, desafios do ensino de Comunicação na contemporaneidade e perspectivas profissionais futuras.

As categorias emergentes foram:

1. Entendimento dos objetivos do curso – os participantes demonstraram grande clareza ao falar sobre os objetivos do curso.
2. Valorização da dimensão institucional – a instituição promotora é a grande motivadora da decisão de participar do curso, sendo a maioria dos professores do futuro egressos da própria instituição.
3. Experiência para confirmar (ou não) opção pela docência – o curso mostra-se determinante para a decisão pela docência.
4. Perspectiva transicional – durante o curso, os respondentes passam a se colocar no lugar do docente e desenvolvem uma percepção crítica sobre seu próprio comportamento quando alunos e a nova postura que adotam ao se verem como futuros professores.
5. Identificação – os participantes do curso têm forte identificação com os alunos, mas também relatam que a identificação com o professor-tutor é fundamental para o desenvolvimento de competências ligadas à docência.
6. Percepção reflexiva sobre o 'ser professor' – os participantes do curso são confrontados com situações do dia a dia docente e com um perfil discente questionador e crítico, o que os leva a refletir sobre o papel do professor em âmbito individual, formativo, institucional e social.
7. Relevância da participação nas rotinas docentes – a possibilidade de auxiliar o professor-tutor em rotinas docentes é considerada fundamental para o aprendizado e para desenvolver competências ligadas ao saber-fazer.
8. Reflexões e preocupações quanto ao ensino na contemporaneidade – os novos perfis geracionais e as tecnologias da informação e comunicação são a principal preocupação dos professores do futuro.

Professores do futuro: percepções reflexivas sobre *ser professor* face às novas gerações, mídias e tecnologias

A percepção reflexiva sobre o 'ser professor', aliada às reflexões e preocupações quanto ao ensino na contemporaneidade, são um ponto de destaque que, cremos, representa uma das grandes contribuições do Projeto Professor do Futuro para a formação de futuros docentes de Comunicação. A consciência sobre o papel do professor, sobre as práticas docentes, sobre os desafios da profissão (em geral e no Brasil, em particular) e sobre as exigências da transição entre aluno e professor são pontos de atenção evidenciados pelos respondentes do

estudo. A seguir, principais temas trazidos à discussão pelos "professores do futuro" com relação ao ensino de Comunicação[9]:

- A docência não é uma questão técnica – o professor lida com pessoas e deve ter consciência disso. "Não é como algo operacional que você rasga e refaz; com pessoas você deve ter um cuidado maior. E para ser professor, você deve ter consciência disso"; "...eu enxergo uma necessidade de preparo importante, da questão de didática, e não só da questão técnica.".

- O professor deve estar preparado para atuar como mediador e facilitador, e não como mero instrutor: "... o professor que souber ouvir e potencializar isso, ele pode conduzir bem mais bacana, ele pode ter uma aula bem mais produtiva.".

- Os professores devem ter empatia com os alunos, "falar a língua dos alunos"; o perfil geracional dos alunos que têm ingressado no curso superior chama a atenção dos respondentes, que falam em novas formas de ensinar e novos desafios para um novo momento no ensino. Em geral, usam o termo "Geração Y", "uma geração que descobriu tanto as tecnologias disponíveis que ela tem dificuldade de estruturar a informação e aplicá-la em algo produtivo, algo concreto.".

- Prevalece uma postura crítica que reforça o despreparo das instituições e dos professores para lidar com o novo, com a mudança em curso: "... a forma de ensino vem passando de geração a geração e chega ao século XXI e continua a mesma – o professor fica lá na frente, um quadro negro e o aluno sentado aqui atrás, onde ele é receptor... ele é muito mais receptor do que passa conhecimento..."; "...tem uma coisa que precisa mudar que é a forma de ensino. "; "Não adianta você proibir: na minha aula ninguém mexe em computador...".

- A colaboração é mencionada pelos respondentes como elemento necessário para esse novo momento: "Hoje tudo é muito colaborativo. E a aula, se você for pensar o que seria uma aula produtiva, ela tem que ser uma aula colaborativa. É diferente de uma palestra. A dinâmica tem que ser outra."; "... a aula tem que ser mudada e ser mais colaborativa.".

- Velocidade, mídias sociais e incorporação de ferramentas que envolvam os alunos nos processos de ensino e aprendizagem são questões apontadas pelos respondentes como relevantes: "... o avanço da tecnologia, muito forte e voraz, começou a se espalhar pela comunicação e está impondo essa velocidade na comunicação."; "Então o desafio dos professores é saber envolver as mídias sociais, envolver essa nova cara de comunicação.";

[9] As citações e transcrições estão integralmente disponíveis para consulta no acervo do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (Faculdade Cásper Líbero, São Paulo).

"Ensinar comunicação nesse tempo tem que envolver hipermídia, cultura contemporânea, pós-modernidade, imediatismo e relacionamento.".

- A noção de que o professor deve desempenhar um "novo papel" é recorrente, o que demanda desse profissional uma mudança em suas práticas. Manter-se atualizado e dominar as ferramentas tecnológicas estão entre as questões mais comumente mencionadas: "... o conhecimento está aberto. E a função do professor, hoje, é direcionar o aluno o que fazer com todo esse conhecimento para que ele absorva alguma coisa porque, às vezes, é tanto informação que a pessoa se perde naquilo..."; "acho que o grande desafio é que muitas vezes você tem que ensinar o aluno não o conteúdo, mas a aprender..."; "O desafio de não ler só livros, mas estar antenado com a comunicação do momento, que o aluno leva pra sala de aula porque lê no twitter, em blogs, etc."; "A oportunidade é fazer parte da formação de uma geração diferente, mais engajada, atuante, que quer fazer a diferença. O estudante de hoje tem muita energia e nós temos muita responsabilidade em canalizar essa energia de forma correta."; "A atualização constante é essencial. Precisamos estar atentos às novas mídias, tecnologias e sempre informados dos principais fatos do contexto nacional e mundial."; "A comunicação inova dia a dia. Novas formas de comunicar e de relacionar aparecem a cada minuto. Isso obriga, de certa forma, o professor a estar presente em redes sociais, cursos e palestras diversas."

- A dimensão crítica, a visão transdisciplinar e a formação reflexiva dos profissionais da área de Comunicação são mencionadas pelos respondentes como fundamentais para que os futuros profissionais que saem dos cursos de graduação possam exercer uma atuação plenamente satisfatória, ética e socialmente relevante: "Acredito que o maior desafio do ensino contemporâneo da Comunicação hoje é fazer o aluno pensar além das profissões - jornalista, relações-públicas, publicitário, radialista - e fazê-los compreender que precisam ser comunicadores críticos para atender as demandas sociais e empresariais que existem hoje no mundo..."; "A Comunicação no contexto contemporâneo é a própria cultura. (...) considero que os alunos de comunicação não apenas devem estar preparados com a utilização das novas linguagens tecnológicas, mas também devem se aprofundar em obras de filosofia, antropologia e ciências sociais.".

- Formar alunos questionadores e críticos é uma das preocupações reforçadas pelos respondentes: "Acredito que a comunicação seja um elemento extremamente importante nesse momento que o mundo vive, pois ela fundamenta a formação dos alunos transformando-os em formadores de opinião e não meros recebedores de informações

pasteurizadas.”; “Acho que um dos principais desafios é acompanhar o ritmo dos alunos atualmente com uma exposição cada vez maior a informações, mas sem um filtro mais "crítico" sobre como "digerir" todas aquelas informações. Acho que o papel do professor (especialmente o de comunicação) é ajudar a construir esse filtro crítico, sem ser tendencioso demais. Deixar os alunos tirarem suas próprias conclusões.”.

- O desenvolvimento tecnológico deve ser acompanhado pelos docentes e pelos profissionais da área, pelo impacto que tem no campo da Comunicação: “O ensino de Comunicação deve acompanhar a evolução tecnológica e estar em dia com novas técnicas e tecnologias, sem deixar de lado a história e as referências.”; “Pessoas e empresas necessitam se comunicar cada vez mais e de forma rápida, porque tudo que acontece no mundo ficamos sabendo em um piscar de olhos. Acho que essa dinâmica é um grande desafio e ao mesmo tempo oportunidade para alunos aprenderem a lidar com tudo isso de forma ética.”.

Em geral, embora os respondentes mencionem a necessidade de atualização e de adoção das ferramentas e mídias contemporâneas de comunicação, não há uma reflexão mais aprofundada sobre as formas como isso pode se consolidar na prática. A ideia de promover a colaboração e de acompanhar os alunos nos ambientes digitais requer do docente dedicação, tempo disponível e outras necessidades que não são mencionadas pelos respondentes. Nesse sentido, observa-se que a problemática emergente se apresenta de forma instrumental e pouco aprofundada, mas, indubitavelmente, relevante.

A docência superior em comunicação: desafios contemporâneos

Ao longo das entrevistas e discussões em grupo focal na pesquisa com então participantes e egressos do Curso de Extensão Professor do Futuro, a percepção reflexiva sobre *ser professor* esteve fortemente vinculada à questão das tecnologias da informação e comunicação e o papel do docente nesse contexto.

O ensino em Comunicação passará por profundas e irreversíveis mudanças, uma vez que as novas gerações de alunos e professores trazem consigo novos modos de compreender e exercer a interação e o compartilhamento de experiências. Nesse sentido, é fundamental que pensemos sobre a docência em comunicação e as muitas contribuições que a sistematização de práticas de formação docente inicial pode conferir às futuras gerações de docentes e, consequentemente, de discentes.

A preparação dos profissionais de comunicação deve estar orientada para uma formação cada vez mais crítica, cidadã e multidisciplinar. O grande desafio para a formação profissional em Comunicação está hoje ligado à ética e à atuação idônea, e impõe-se à universidade e aos docentes da área uma grande responsabilidade, já que os futuros profissionais recebem sua formação humanística e técnica básica no ensino superior.

Kunsch (2007, p. 95-100) apresenta como os cinco desafios para o profissional de comunicação, que deverá: inserir-se numa sociedade globalizada e saber conviver com ela; enfrentar um novo mundo do trabalho; encarar a aprendizagem como um desafio e processo constante; saber lidar com ambiguidades, ser ousado e inovador; saber selecionar a avalanche das informações disponíveis.

Uma vez que a formação superior em Comunicação é a base para a atuação profissional na área, o docente de ensino superior nesta área deverá, também, trabalhar orientado para esses desafios que, entendemos, passam a ser premissas que devem permanentemente 'incomodar' o docente, levando-o à reflexão contínua sobre o seu próprio papel e atuação. O ensino em Comunicação deve estar alinhado à ambiência que o circunscreve, e, nesse sentido, o professor dos cursos de Comunicação precisa estar cada vez mais preparado para enfrentar o novo, o diferente, o inusitado.

O estudo das literacias digitais necessárias ao desenvolvimento do profissional de comunicação poderá contribuir, e muito, para a formação de docentes mais conscientes do seu papel. Habilidades de pesquisa, interpretação, escolha, compartilhamento, de lidar com informações multimídia e também as socioemocionais deverão ser trabalhadas e incorporadas à práxis docente em Comunicação, e estudos nessa área poderá indicar novas possibilidades de inovar conteúdos e, sobretudo, realçar valores que contribuirão para uma atuação mais ética e reflexiva do profissional de Comunicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. C. A. de; BIAJONE, J. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e Pesquisa**, ano/vol. 33, n. 2, p. 281-291, maio-agosto. 2007. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

BALABAN-SALI, J. New Media Literacies of Communication Students. **Contemporary Educational Techology**, 2012, 3(4), 265-277.

CUNHA, A. M. de O.; BRITO, T. T. R.; CICILLINI, G. A. **Dormi aluno(a)... acordei professor (a):** interfaces da formação para o exercício do ensino superior. Universidade Federal de Uberlândia, GT Políticas de Educação Superior, n. 11. 2006. Disponível em: http://www.prograd.ufop.br/Downloads/Docencianoenssup/Dormi_aluno_acordei_professor.pdf. Acesso em abril de 2010.

ESHET-ALKALAI, Y. Digital Literacy: a conceptual framework for survival skills in the digital era. **Journal of Educational Multimedia and Hypermedia**, 13 (1), 2004. Disponível em http://www.edilib.org/p/4793. (acesso restrito). Acesso em 30/04/2013.

IBOPE. Número de pessoas com acesso à internet passa de 100 milhões. Publicado em 10/07/2013. Disponível em: www.ibope.com.br. Acesso em 10/07/2013.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. (tradução: Suzana Alexandria). 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. et al. **Confronting the Challenges of Participatory Culture:** Media Education for the 21stCentury. The McArthur Foundation: Chicago, Illinois, 2006.

KUNSCH, M. M. K.. Perspectivas e desafios para as profissões de comunicação no terceiro milênio. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). **Ensino de Comunicação***:* qualidade na formação acadêmico-profissional. São Paulo: ECA-USP: Intercom, 2007. (p. 87-101)

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEI DE DIRETRIZES E BASES da Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em agosto de 2010.

LEMOS, E. Faculdade Cásper Líbero e o Professor do Futuro: estudo sobre a formação inicial do professor para cursos de graduação em comunicação. **Revista Communicare**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2012. p. 95-120. Disponível em: http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2012/11/13/1352820419.pdf

MOURA, C. P. de. Padrões de qualidade no ensino de comunicação no Brasil. In: KUNSCH, M. M. K. (org.) **Ensino de Comunicação***:* qualidade na formação acadêmico-profissional. São Paulo: ECA-USP: Intercom, 2007. (p. 43-62)

PASSARELLI, B. Literacias emergentes nas redes sociais: estado da arte e pesquisa qualitativa no Observatório da Cultura Digital. In: PASSARELLI, Brasilina e AZEVEDO, José (orgs.). **Atores em rede**: olhares luso-brasileiros. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PASSARELLI, B. & JUNQUEIRA, A. H. **Gerações Interativas Brasil** - crianças e adolescentes diante das telas. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012. (cap. 1 e 2 – p. 13-28).

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon.** MCB University Press. Vol. 9, n. 5. October 2001.

RODRÍGUEZ, J. M. C. Acercamientos y propuestas de investigación sobre el consumo y la producción de información en internet. El prosumidor como concepto clave em la construcción social de la tecnologia. **Question. Revista Especializada en Periodismo y Comunicación**. Vol. 1, n. 35. Buenos Aires, Argentina. (invierno 2012).